

Uma só chave abre todas as casas de Maria Ortiz

Foto de Carlito Medeiros

Uma única chave abre todas as portas do primeiro lote de 105 casas das 459 que estão sendo construídas pela Prefeitura de Vitória, em convênio com o Governo do Estado, em Maria Ortiz, destinadas aos moradores que vivem hoje debaixo dos fios de alta-tensão da Escelsa, deixando-os inseguros e sem privacidade. As primeiras famílias mudaram para o local há oito dias e já estão enfrentando uma série de dificuldades quanto às condições físicas das moradias, cujas janelas caem apenas com ação do vento mais forte, que é comum na região.

Mesmo com os problemas que já começaram a surgir, os moradores dizem que o lugar é ainda melhor do que onde moravam anteriormente, debaixo dos fios de alta-tensão e sobre as águas do mangue. Os que ainda esperam pela transferência estão ansiosos, como Rosa Lazarino Silva. "Estou gostando muito da idéia de mudar, de ir para uma casa nova", disse a mulher. Não ter direito às tábuas do antigo barraco é o grande problema apontado por todos os que estão sendo removidos da área, que esperavam vender a madeira e com o dinheiro construir um muro para cercar a nova moradia.

Maria da Penha Alves Rodrigues, Rosimere Vieira dos Santos, Geralda Dias Diniz, Maria da Penha Falco da Silva e Vitória Lima dos Santos são alguns dos moradores já removidos de seus antigos barracos construídos sobre o mangue e debaixo dos fios de alta-tensão no bairro Maria Ortiz, onde viviam, em média, há seis anos. A vida para estas pessoas mudou bastante, assim como os tipos de problemas. Se antes eram obrigados a conviver com a insegurança de terem suas casas invadidas pelas águas ou de morrerem eletrocutados, no local onde se encontram o perigo de assaltos é muito maior e a privacidade não existe.

As casas estão sendo entregues aos seus proprietários sem acabamento, o que tem deixado os moradores aborrecidos. "Nas reuniões que tivemos com o pessoal da prefeitura, e no contrato que nós assinamos, dizia que tínhamos de receber a casa com o reboco", comentou Maria da Penha Alves Ro-



Os moradores dizem que um vento mais forte serve para derrubar janelas

drigues. Atendendo a uma reivindicação dos proprietários, a Prefeitura de Vitória decidiu ampliar as residências, construindo mais quarto em todas elas. "Isto resolve em parte nosso problema. Antes elas eram pequenas demais, nem cabia a gente dentro de casa", comentou Geralda Dias Diniz.

Segundo os moradores, a Prefeitura não está permitindo que os proprietários dos barracos se utilizem da madeira para qualquer fim. "A gente não usa a madeira, eles não deixam a gente vender nem dar para alguém. Mas quem fica no lugar apanha tudo, vende, usa, sei lá o que. Isto está errado. Eu tinha vendido toda a madeira do barraco e com dinheiro pretendia construir um muro de proteção da casa nova. Mas eles não deixaram", comentou Maria da Penha Falco da Silva.

Nas novas casas construídas no aterro, destinadas aos moradores que hoje vivem debaixo do fio de alta-tensão, não pode ser usado fogão de lenha. "Eles prometeram doar o fogão a gás para quem não tivesse. Só que não fizeram nada disso. Minha sogra, Geralda Dias Diniz, teve que contar com o apoio de uma vizinha que cedeu seu fogão para que ela pudesse cozinhar", contou Rosimere Vieira

dos Santos. A área de cada família só pode ser cercada com muro. "Isto não é possível", comentou Maria da Penha Alves Rodrigues, que atualmente está com seu marido desempregado, por causa de problemas de saúde. A janela da sua casa caiu com o vento. "Isto pra você ver como a situação aqui é insegura", disse a moradora.

Estes moradores terão que pagar pela nova casa de cinco a 10% do salário, que poderá variar de Cz\$ 40 a Cz\$ 80,00. Na opinião deles não se trata de uma taxa muito alta, pelo menos para os que se encontram empregados. No local a limpeza deve ser realizada diariamente pelos moradores. "Só que na hora de recolherem o lixo eles só querem levar as lajotas inteiras. As quebradas deixam para trás. Se eles não levam as quebradas, as inteiras eu quebro e assim eles não levam nenhuma", disse Maria da Penha Falco da Silva.

O que é possível realizar ou não na casa, os moradores desconhecem. "A gente nem sabe o que pode ser feito aqui. Eu estou rebocando a minha casa para ver se fica um pouco melhor", disse Vitória Lima dos Santos, bastante alegre por ter sido transferida de sob os fios de alta-tensão para um local mais seguro.